Análise de mercado de produtos florestais não madeireiros no Brasil: 2006 a 2016.

Layla de Paula Andrade[1]; Vanessa Maria Basso[2]

[1]Programa de Iniciação Científica Voluntária / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (depaula.layla@gmail.com); [2]Departamento de Silvicultura / Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (nessabasso@yahoo.com.br).

Resumo: Os Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) são aqueles que se extraem da floresta sem o corte da madeira. O potencial de PFNM no Brasil vem aumentando nos últimos anos. Sendo assim, este trabalho busca entender a produção dos Produtos Florestais Não Madeireiros no Brasil, relatando a quantificação publicada pela PEVS – IBGE, afim de conhecer o comportamento de produção destes produtos. Observou-se a notória queda da extração da maioria dos PFNM, porém, alguns produtos obtiveram bons resultados, aumentando sua produção extrativista ao longo dos anos, como a erva-mate e o açaí.

Palavras-chave: Produtos Florestais Não Madeireiros, Açaí, Erva-mate.

Market analysis of nom-timber forest products in Brazil in the years 2006 to 2016.

Abstract: Non-timber Forest Products are those that are extracted without cutting the wood. The potential of NTFPs in the Brazil is increasing. Thus, this word seeks to understand the production of non-timber forest products in Brazil, reporting the quantification published by PEVS – IBGE, in order to know the production behavior of these products.

Keywords: Non-timber Forest Products, Açaí, Mate.

1. INTRODUÇÃO

Os Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) são aqueles que se extraem da floresta sem a necessidade de corte da madeira. Estes podem sem ser frutos, sementes, folhas, resinas, óleos, cipós, entre muitos outros. A extração desses produtos é de longa data, há constatação de que durante milênios a população rural e habitantes de áreas florestais conseguem sua subsistência por meio da coleta dos diversos (PFNM) (SOARES.T, S. 2008; PEDROZO et al, 2011; BRITES e MORSELLO, 2016).

O potencial de PFNM no Brasil vem aumentando nos últimos anos, principalmente os alimentícios e para fins cosméticos, além da inserção em sistemas agroflorestais (FIEDLER. N, C. 2008; PEDROZO et al, 2011). É enorme a quantidade de PFNM e os serviços oferecidos pelos

biomas brasileiros à disposição da população rural que podem ser utilizados para diversos fins.

Os PFNM podem ser utilizados em diversos produtos: cosméticos, como o óleo de coco utilizado em shampoos e máscaras capilares devido as suas características nutritivas, e alimentícios, como por exemplo o açaí, com consumo crescente no mercado nacional e internacional com a utilização da polpa. Algumas oleaginosas como a castanha-do-Pará, são muito utilizadas em receitas e, também, bastante exploradas por outras culturas etnicas. O mate utilizado na produção de chás, se destacou em 2016 com seu valor de produção chegando a R$ 398,8 milhões. (IBGE, 2016).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); mostram que a participação de produtos não madeireiros na extração vegetal contribuem com cerca de 1,5 bilhão de reais, na extração vegetal, enquanto os PFNM oriundos de atividades silviculturais contribuíram com cerca de 292 milhões de reais (IBGE, 2015).

Sendo assim, este trabalho busca entender a produção dos Produtos Florestais Não Madeireiros no Brasil, relatando a quantificação publicada pela Produção da Extração Vegetal e Silvicultura (PEVS) – IBGE, afim de conhecer o comportamento de produção destes produtos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

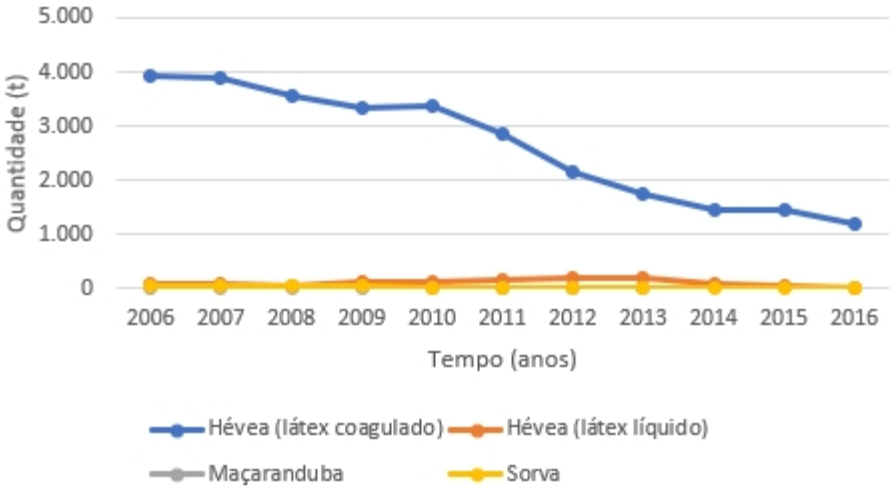
Os dados de produção anual foram obtidos por meio da Produção da Extração Vegetal e Silvicultura (PEVS), fornecido pelo site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram coletados dados de 2006 a 2016 (ano da mais recente publicação da PEVS).

Os dados sobre os PFNM obtidos a partir do site do IBGE comportam uma tabela dividida em setores como, borrachas, ceras, fibras, tanantes, oleaginosos, alimentícios, aromáticos, medicinais, tóxicos e corantes.

A composição de gráficos com os dados dos 10 anos da produção dos PFNM, de 2006 a 2016, foi dividida por setores. Possibilitando a comparação entre os mais produzidos, os que obtiveram oscilações e os que tiveram queda de produção na extração.

3. RESULTADOS

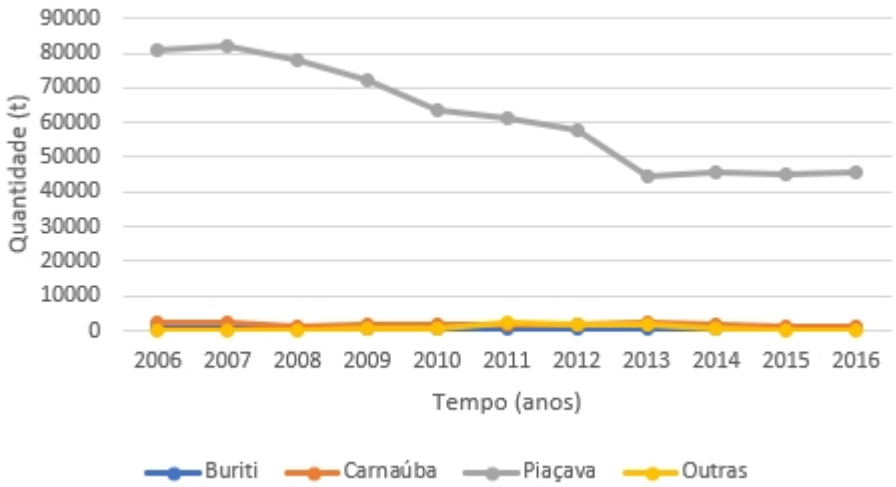
3.1 Borrachas



(Figura 1: Produção de borrachas em toneladas entre os anos 2006 e 2016).

Se tratando das borrachas (Figura 1), em extração natural, a mais produzida pelo Brasil é a *Hévea sp.* (látex coagulado), utilizada para produção de borrachas, mas pode-se observar uma queda em seu comportamento de produção, sendo 3.942 toneladas em 2006 e em 2016 uma produção de 1.202 toneladas.

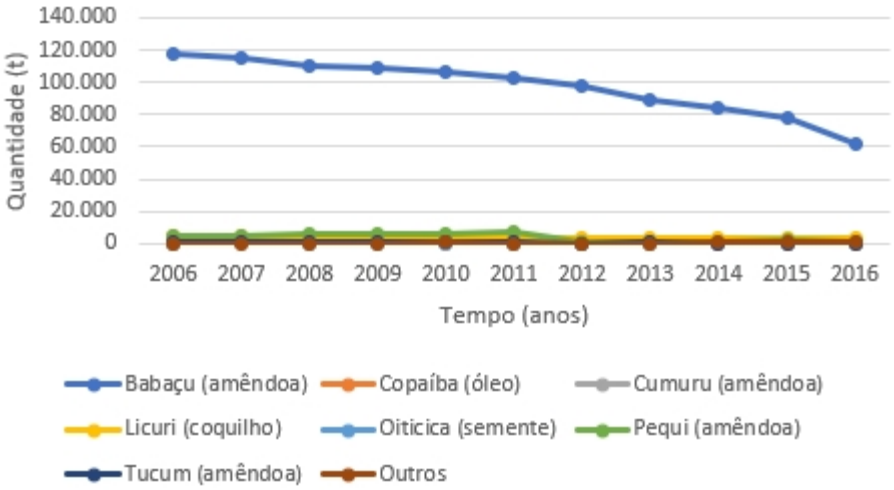
3.2. Fibras



(Figura 3: Produção de fibras em toneladas entre os anos 2006 e 2016).

Entre as fibras, a de maior produção foi a fibra de piaçava (Figura 3), utilizada para artesanatos e principalmente na confecção de vassouras. Pode-se observar queda em sua produção extrativista tendo sua maior produção em 2007 com 82.096 toneladas e sua menor produção em 2013 com 44.617 toneladas.

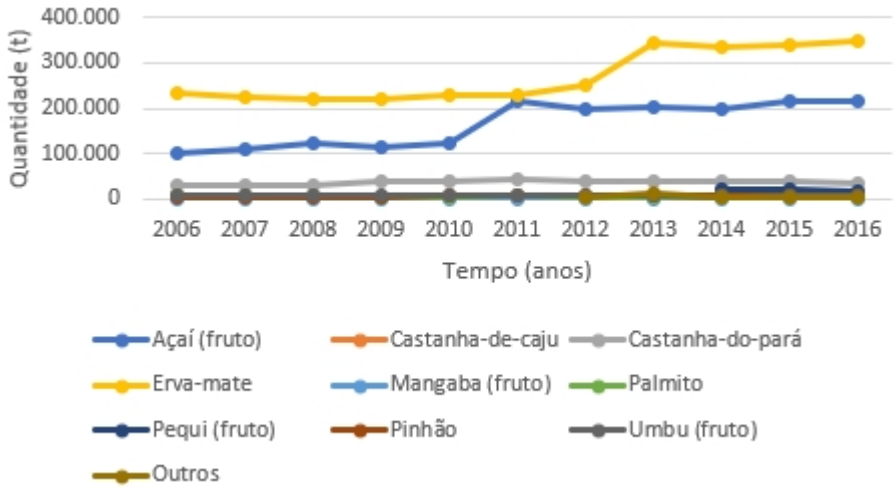
3.3. *Oleaginosos*



(Figura 5: Produção de oleaginosos em toneladas entre os anos 2006 e 2016).

Dentre os produtos oleaginosos (Figura 5), o de maior produção extrativista é a amêndoa de babaçu, com sua maior produção no ano de 2006 com 117.150 toneladas e sua menor produção no ano de 2016 com 61.390 toneladas.

3.4. *Alimentícios*



(Figura 6: Produção de Alimentícios em toneladas entre os anos 2006 e 2016).

Quando se trata dos produtos alimentícios (Figura 6), observa-se um comportamento diferente dos demais setores, produtos como a erva-mate e o açaí vem aumentando sua produção extrativista ao longo dos anos. A castanha-do-Pará, também tem seu destaque, mostrando um comportamento, quase linear, ao longo dos anos. A erva-mate apresentou sua maior produção extrativista no ano de 2016 com 346.953 toneladas. O açaí obteve sua maior produção extrativista em 2015 com 216.071 toneladas. E a castanha-do-Pará também com sua maior produção extrativista em 2015 com 40.643

toneladas.

4. DISCUSSÕES

De acordo com a pesquisa, pode-se observar uma queda na produção extrativista da borracha. Tal fato pode estar associado ao aumento de plantios e utilização de materiais sintéticos, ou mesmo a queda da produtividade das árvores, que de acordo com Maciel (2014) podem representam cerca de 4% da produtividade das árvores do seringais cultivados nos períodos de 2011 a 2013.

Dentre as fibras, a de principal destaque é a piaçava, sua produção demonstrou queda de 2006 a 2013, e se manteve constante até 2016. Segundo Guimarães & Silva (2012) a piaçava originada do extrativismo não possui condições de suprir a demanda mercadológica. Por isto, está cada vez mais sendo substituída pelos produtos sintéticos, a exemplo o *nylon*.

Tratando dos produtos oleaginosos a amêndoa de babaçu teve uma queda expressiva na produção extrativista ao longo dos anos. Na região Nordeste, a extração de produtos típicos, como o babaçu, garante a sobrevivência de comunidades tradicionais que têm na atividade extrativa sua principal fonte de renda (IBGE, 2016), porém não há estudos que justifiquem a queda na produção extrativista.

Na produção extrativista dos alimentícios se destacam a erva-mate e o açaí. Segundo o IBGE (2016) a produção do açaí extrativo manteve-se estável em 2016, alcançando um total de 215.609 toneladas. A produção extrativa do açaí concentra-se principalmente nos estados da Região Norte do Brasil, que detém 91,9% da produção nacional, por tratar-se de uma espécie nativa da Região Amazônica. Já a erva-mate teve sua produção nacional crescente, alcançando 346.953 toneladas em 2016, na qual a quase totalidade da produção é oriunda da Região Sul (IBGE, 2016).

5. CONCLUSÃO

A produção dos produtos florestais não madeireiros, de acordo com este trabalho, se refere a extração, porém alguns produtos apresentam decréscimo em sua produção extrativista devido a substituição por materiais sintéticos, e por produtos oriundos de plantações.

É notória a queda da extração da maioria dos produtos florestais não madeireiros no Brasil, com exceção, da erva-mate e do açaí.

Há a necessidade de mais estudos para buscar entender o motivo dessa queda na produção extrativista, visto que a demanda por produtos naturais tem aumentado.

6. REFERÊNCIAS

BRITES, A. D., MORSELLO, C. Efeitos ecológicos sa exploração de produtos florestais não

madeireiros: uma revisão sistemática. Desenvolv. Meio Ambiente, v. 36, p. 55-72, abr. 2016.

FIEDLER, N.C. Produtos Florestais Não Madeireiros: Importância e Manejo Sustentável da Floresta. Revista Ciências Exatas e Naturais, Vol.10 n°2, Jul/Dez 2008.

GUIMARÃES, C. A. L., SILVA, L. A. M. Piaçava da Bahia (*Attalea funifera* Martius): do extrativismo à cultura agrícola. Editus, 2012. 262 p.: II.

IBGE, Produção de Extração Vegetal e Silvicultura 2015. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2015_v30.pdf. 2015. Acesso dia 07 de jun. 2019.

IBGE, Produção de Extração Vegetal e Silvicultura 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/74/pevs_2016_v31.pdf. Acesso dia 07 de jun. 2019.

MACIEL, R.C.G. Produção de Borracha na Amazônia: uma discussão sobre o Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Bonal, no Estado do Acre. Informações Econômicas, SP, v. 44, n. 6, nov./dez. 2014.

PEDROZO, et al. Produtos Florestais Não Madeiráveis (PFNM): as Filières do Açaí e da Castanha da Amazônia. Revista de Administração e Negócios da Amazônia, v.3, n.2, mai/ago. 2011.

SOARES, T.S. Produtos Florestais Não Madeireiros. Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal – ISSN 1678-3867 – n°11 – Fev 2008.